



Neologismos formados por composição neoclássica: padrões, morfologia e crítica cultural

Neologisms formed by neoclassical compounding: patterns,
morphology, and cultural critique

Ana Maria Ribeiro de JESUS*^{ID}

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar um subconjunto de neologismos formados pelo processo de composição neoclássica, considerando-se, principalmente, seus aspectos morfossemânticos. A composição neoclássica caracteriza-se por apresentar, em ao menos um de seus formantes, um elemento de origem erudita, geralmente grega ou latina. Tradicionalmente restritos às línguas de especialidade, os compostos neoclássicos passaram a se expandir para a língua geral, sobretudo em criações recentes. Muitas dessas construções, como **blablablâmetro**, **mamatocracia** e **machosfera** surgem em tom humorístico e irônico e refletem a alta produtividade dos elementos eruditos na criação de novos compostos, principalmente em gêneros do ambiente digital. A fundamentação teórica do trabalho pauta-se nos estudos de Booij (2007), Cabré (2015), Gonçalves e Almeida (2014), Hayashi (2024), Nóbrega (2013), Pruvost e Sablayrolles (2019), Rio-Torto *et al.* (2013), entre outros, e discute, principalmente, os padrões de estruturação dos compostos neoclássicos, a complexidade na distinção dos formantes eruditos enquanto elementos de composição ou de derivação e a representação dessas unidades em esquemas construcionais. A metodologia do trabalho inclui: (i) o levantamento dos *corpora* de estudo (2020 a 2025) e de exclusão (2007 a 2019), feito de forma automática via *web scraper* em portais jornalísticos; (ii) o contraste entre os dois *corpora*, feito automaticamente por um Extrator de neologismos; (iii) a validação manual das unidades neológicas, de acordo com critérios preestabelecidos, a partir da lista de candidatos gerada pelo Extrator; e (iv) a análise das unidades. Os resultados mostram o comportamento dos compostos neoclássicos considerando-se aspectos como a recorrência de determinados radicais em posições específicas do composto, a possibilidade de formação de estruturas complexas com dois, três ou mais radicais, as capacidades combinatórias dos radicais e as possibilidades de derivação e truncamento. As ocorrências dos compostos [X-fobia] e [tele-Y] encontradas no *corpus* são inseridas em redes construcionais, de modo a refletir sobre como os falantes identificam padrões e produzem, por analogia, novas formações que combinam radicais neoclássicos com unidades vernáculas. Observa-se, a partir da análise dos dados como um todo, uma convergência entre os processos morfológicos e a crítica extralingüística, que faz alusão irônica a comportamentos e a fenômenos culturais da era digital.

PALAVRAS-CHAVE: Composição neoclássica. Neologia. Morfologia construcional. Extração automática de neologismos. Cultura digital.

* Doutora em Letras (USP). Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES – Brasil.
ana.m.jesus@ufes.br

ABSTRACT: This article aims to analyze a subset of neologisms created via neoclassical compounding in Brazilian Portuguese, focusing primarily on their morphosemantic features. Neoclassical compounding is characterized by including at least one constituent that is a neoclassical root, generally of Greek or Latin origin. Traditionally restricted to terminology and special domains, neoclassical compounds have increasingly spread into general language, especially in recent coinages. Several formations, such as *blablablâmetro*, *mamatocracia*, and *machosfera*, often carry humorous and ironic tones, reflecting the high productivity of classical elements in generating new compounds, particularly in digital genres. The theoretical framework draws on studies by Booij (2007), Cabré (2015), Gonçalves & Almeida (2014), Hayashi (2024), Nóbrega (2013), Pruvost & Sablayrolles (2019), Rio-Torto *et al.* (2013), among others, and discusses the structural patterns of neoclassical compounds, the complexity in distinguishing neoclassical elements as either compounding or derivational units, and their representation in constructional templates. The methodology includes: (i) compiling the study *corpus* (2020-2025) and the exclusion corpus (2007-2019) by web scraping journalistic articles; (ii) contrasting both corpora via an automatic neologism Extractor; (iii) manually validating the neologisms using pre-established criteria applied to the Extractor's candidate list; and (iv) analyzing the validated units. The results reveal the behavior of neoclassical compounds in terms of the recurrence of certain roots in specific positions, the formation of complex structures with two, three, or more roots, the combinatory potential of neoclassical elements, and the possibilities of derivation and truncation. The corpus-based occurrences of the [X-fobia] and [tele-Y] compounds are mapped into constructional networks to reflect how speakers identify patterns and, by analogy, create new formations that combine neoclassical roots with vernacular elements. The analysis suggests a convergence between morphological processes and extralinguistic critique, often expressed through ironic references to behaviors and cultural phenomena of the digital age.

KEYWORDS: Neoclassical compounding. Neology. Construction Morphology. Automatic neologism extraction. Digital culture.

Artigo recebido em: 19.07.2025

Artigo aprovado em: 15.09.2025

1 Introdução

A criação de neologismos é um fenômeno inerente à linguagem humana e configura-se por meio de processos linguístico-cognitivos que fazem emergir, na interação comunicativa, novas formas lexicais e novos significados. A composição neoclássica, objeto de investigação do presente trabalho, configura-se como um desses processos. Esse tipo de construção apresenta, na unidade lexical resultante, ao menos um formante erudito, de origem grega ou latina. Por exemplo, o elemento *-cracia*, do grego *krátos*, que designa “poder, governo, autoridade”, participa da composição **algocracia**, que se refere a uma espécie de “governo” em que algoritmos tomam

decisões e exercem o controle. Esses formantes eruditos, também chamados de bases presas (Gonçalves, 2011), não têm existência autônoma como palavras completas em português, na grande maioria dos casos; eles se situam em uma categoria “intermediária” entre os afixos e as bases livres e, por isso, não se adaptam totalmente às categorias tradicionais da morfologia.

Apesar de ser convencionalmente associada à formação de unidades terminológicas em domínios especializados, a composição neoclássica pode também dar origem a palavras da língua geral. Bauer (1983) já havia observado que esses compostos situam-se na fronteira entre a linguagem erudita e a linguagem vernácula, podendo ser lexicalizados e integrar o léxico comum. Na cultura digital, essa tendência parece se intensificar: é grande a produtividade de compostos neoclássicos em criações neológicas da língua geral, muitas vezes marcadas por traços de humor, ironia e crítica social. Usos como **constituicídio**, **buracômetro** e **aerolula**, formados com o elemento latino *-cídio* e os gregos *-metro* e *aero-*, respectivamente, são exemplos desse fenômeno.

Como atesta Cabré (2016), a descrição de um neologismo, enquanto objeto relativo e poliédrico, está relacionada a diferentes perspectivas enunciativas. Enquanto objeto social, o neologismo circula nos discursos e, por isso, apenas o contexto discursivo possibilita que se ateste a natureza de um neologismo, uma vez que este ancora-se em um momento histórico, em esferas temáticas, em circunstâncias sociais e em conjunturas ideológicas. Assim, além dos mecanismos linguísticos, questões culturais e discursivas revelam-se nessas criações, instituindo-as como reflexo da evolução da sociedade que as abriga.

No presente texto, pretende-se analisar essas formações, considerando-se, principalmente, seus aspectos morfológicos e semânticos. As unidades a serem analisadas são provenientes de um *corpus* jornalístico. Os textos publicados entre 2020 e 2025 constituíram o *corpus* de estudo e os textos publicados entre 2007 e 2019 constituíram o *corpus* de exclusão. A coleta das unidades foi feita com o auxílio de um Extrator de neologismos (cf. adiante, seção 4) e as unidades lexicais foram

posteriormente validadas com base em critérios preestabelecidos. Foram validadas como neológicas 513 unidades formadas por composição neoclássica, das quais se selecionou um subconjunto representativo para análise neste trabalho.

O artigo organiza-se da seguinte forma: na próxima seção, aborda-se brevemente o fenômeno de neologia e sua articulação com a vitalidade linguística. Em seguida, apresenta-se a composição neoclássica, os desafios de sua categorização morfológica e sua representação em esquemas construcionais. A metodologia do estudo é descrita na sequência, destacando-se a configuração do *corpus*, o tratamento automático dos dados e os critérios de validação neológica. A seção de resultados explora os principais aspectos morfossemânticos e culturais das unidades selecionadas e apresenta os esquemas construcionais das composições com os elementos gregos *tele-* e *-fobia*, de modo a refletir sobre como os falantes identificam padrões e produzem, por analogia, novas formações. Por último, são apresentadas as considerações finais.

2 A neologia como realidade multidimensional

Ao refletir sobre a definição do neologismo enquanto produto da criação lexical, Pruvost e Sablayrolles (2019) declaram que o processo de formação de novas unidades lexicais é consideravelmente complexo e que o neologismo representa um conceito de difícil definição. A princípio, em uma acepção simples e contemporânea, a palavra neologismo limita-se ao conceito de “palavra nova” ou de “novo sentido de uma palavra já existente na língua”, partindo-se da etimologia *neo*, do grego “novo” e *logos*, do grego “palavra”, “discurso”. Por isso, o neologismo é determinado pelos autores como um conceito plurivalente e como um objeto de reflexão filosófica sobre o tempo que passa: trata-se, ao mesmo tempo, de um fenômeno natural da língua e da comunicação, um postulado sobre o próprio funcionamento de uma língua e um processo que não deixa ninguém indiferente e que pode, até mesmo, implicar julgamentos sobre o uso.

Essas novas unidades lexicais produzidas por falantes caracterizam-se como objeto de estudo complexo e mutável. No contexto das Ciências do Léxico, a neologia relaciona-se ao desafio da instabilidade conceitual e denominativa, peculiaridades intrínsecas à unidade lexical. Como explica Cabré (2015), o conceito de “neologia” é, por definição, instável, uma vez que a atribuição da propriedade “novo” a um item lexical é passageira. Trata-se de um conceito relativo quando se consideram as concepções individuais dos falantes, que podem ou não enxergar determinada unidade como nova. Além disso, o fenômeno da neologia ultrapassa qualquer tentativa de categorização em uma única vertente analítica. Nas palavras da autora:

Não há dúvida de que o objeto central da neologia, o neologismo, é um elemento de grande complexidade. Por um lado, tem sido considerado, pela sua vagueza, um conceito instável e relativo; por outro, apresenta tantas vertentes analíticas que uma abordagem de todas ao mesmo tempo parece ser impossível; e, por fim, escapa às possibilidades de ser tratado pela linguística exclusivamente como um objeto próprio de seu campo de estudo. Tentar, portanto, dar conta de um objeto multidimensional e multidisciplinar não é uma tarefa fácil para os linguistas (Cabré, 2015, p. 81, tradução nossa¹).

Na concepção de Mejri (2011), para cada fenômeno linguístico, coexistem duas visões: uma visão que limita o fenômeno à sua expressão formal estrita e uma visão ampla que o contextualiza dentro do sistema linguístico. Segundo o autor, a abordagem restrita é atualmente predominante, mas ela acaba por excluir diversos aspectos que, de fato, pertencem ao campo da neologia. A perspectiva ampla, por sua vez, confere à neologia uma centralidade que amplia o horizonte das pesquisas, porque reconhece que o estudo das inovações linguísticas não se restringe apenas à

¹ No original: No hay duda de que el objeto central de la neología, los neologismos, es un elemento de una gran complejidad. Por un lado ha sido considerado, por su vaguedad, un concepto inestable y relativo; por otro presenta tantas vertientes de análisis que parece imposible dar cuenta de todas ellas al mismo tiempo; y, finalmente, escapa a las posibilidades de la lingüística de tratarlo exclusivamente como un objeto propio de su campo de estudio. Intentar pues dar cuenta de un objeto multidimensional y multidisciplinario no es una tarea fácil de abordar por parte de los lingüistas.

forma, mas abrange, igualmente, o dinamismo da língua, a interação intrínseca entre discurso e língua, e a complementaridade entre o inovador individual e a comunidade linguística. Além disso, o autor destaca que a evolução neológica reflete a relação entre língua e discurso, mostrando que a língua nasce e se transforma no âmbito do uso cotidiano e que o próprio discurso contribui para essa mudança, ao mesmo tempo que é moldado por ela. Mejri amplia essa discussão ao considerar o impacto do ambiente digital e propõe uma abordagem que investigue os “universais neológicos”:

Além disso, o que ocorre na internet pode ter um impacto epistemológico muito significativo nos estudos neológicos. Pode-se questionar, por exemplo, por que não se adotaria nesse campo uma perspectiva genérica na qual surgissem questões relacionadas aos universais neológicos. Nessa perspectiva, seria pertinente questionar a efetiva estruturação da dicotomia entre discurso (fala) e língua (Mejri, 2011, p. 26, tradução nossa²).

O fenômeno da neologia é, tradicionalmente, classificado em três grandes grupos: a neologia **formal**, que envolve alteração na estrutura de uma unidade lexical existente, culminando em uma forma inédita; a neologia semântica, em que ocorre a atualização ou o deslocamento do sentido de uma forma existente; e os empréstimos, unidades lexicais adotadas de línguas estrangeiras. A maior parte das classificações de neologismos está pautada nos processos de formação (tipologia) destes.

Nesse sentido, a criação de palavras serve-se, na maioria das vezes, de elementos morfológicos e lexicais preexistentes. Nas perspectivas mais convencionais, esses elementos unem-se a partir de regras morfossintáticas bem-estabelecidas, tendo cada um sua posição fixa na estrutura resultante. O que é inédito, então, na neologia dita formal, é essa junção, ou seja, formam-se estruturas novas a partir de elementos

² No original: Par ailleurs, ce qui se passe sur Internet peut avoir une portée épistémologique très importante sur les études néologiques. On peut se demander, par exemple, pourquoi on ne revendiquerait pas dans ce domaine une perspective générique dans le cadre de laquelle se poseraient les questions relatives aux universaux néologiques. Dans cette perspective, il y aurait lieu de s'interroger sur la structuration effective de la dichotomie discours (parole)/langue.

velhos. O significado, geralmente, também segue essa premissa, por vezes de forma mais opaca, por vezes mais transparente, mas constituindo-se como a “soma” sentidos dos elementos que compõem a nova criação.

Os dois processos mais amplos que dão origem a grande parte dos neologismos formais em língua portuguesa são a derivação e a composição. A primeira pressupõe a ligação de um ou mais afixos a uma base, como ocorre, por exemplo, em **desaposentar**, **anti-instagramável** e **algoritmização**. A segunda constitui a aproximação de duas bases independentes, como em **robotáxi**, **balsa-drone** e **ansiedade climática**. Como se verá, a composição neoclássica, objeto de estudo do presente trabalho, encontra-se nos limites desses dois processos, o que leva muitos estudos a problematizarem a classificação dos formantes do composto enquanto bases ou afixos.

3 Composição neoclássica: aspectos morfossemânticos

Uma unidade lexical composta pode apresentar, em ao menos um de seus constituintes, um elemento de origem erudita, geralmente grega ou latina. Foi esse aspecto das unidades que levou alguns morfólogos a classificarem essas formações como compostos “neoclássicos”. Contrastando esses elementos com os afixos, Booij (2007) explica:

Afixos são morfemas presos, mas nem todos os morfemas presos são afixos. Existem muitas raízes do grego e do latim utilizadas nos chamados *compostos neoclássicos*, embora não ocorram como palavras isoladas. Esses compostos são denominados “neoclássicos” porque são formados por constituintes das línguas clássicas, grego e latim, que foram combinados em compostos muito tempo depois de essas línguas deixarem de ser “línguas vivas” (Booij, 2007, p. 30, tradução nossa³).

³ No original: Affixes are bound morphemes, but not all bound morphemes are affixes. There are many roots from Greek and Latin that are used in so called neo-classical compounds but do not occur as words by themselves. These compounds are called ‘neo-classical’ because they consist of constituents from the classical languages Greek and Latin that were combined into compounds long after these languages ceased to be ‘living languages’.

O elemento latino *immūnis*, por exemplo, compõe palavras como **imunologia** e **imunograma**, e o elemento grego *páthē* aparece em formações como **hidropatia** e **psicopatia**. Originalmente restrita às línguas de especialidade, a composição neoclássica passou a se expandir para a língua geral, sobretudo em criações recentes. Muitas dessas formações, como **blablablâmetro**, **mamatocracia** e **covardecídio** surgem em tom jocoso e refletem a alta produtividade dos formantes eruditos na criação de novos compostos.

Como se nota, as bases eruditas desse tipo de formação não são livres, mas constituem formas presas que se unem a outras formas do mesmo tipo ou a palavras vernáculas. Rio-Torto *et al.* (2013) classificam essas formações como **compostos morfológicos**, denominação que abrange mais amplamente os padrões de estruturação dos constituintes que resultam no composto. De acordo com os autores, os compostos morfológicos incluem pelo menos um radical preso, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação (VL) entre os formantes compostivos. As possibilidades de combinação das bases no âmbito desses compostos são representadas, pelos autores, da seguinte forma: (i) radical erudito + VL + radical erudito (**cardiopatia**, **nefrectomia**, **quiromancia**); (ii) radical erudito + VL + palavra vernácula (**hidroavião**, **hidromassagem**, **vinoterapia**); (iii) radical vernáculo + VL + radical erudito (**parquímetro**, **sambódromo**); e (iv) radical vernáculo + VL + palavra vernácula (**austro-húngaro**, **franco-alemão**) (Rio-Torto *et al.*, 2013, p. 394). Infere-se, por essa classificação, que os três primeiros tipos constituem os compostos neoclássicos, por incluírem, dentre os formantes, o “radical erudito”.

Na concepção de Nóbrega, Bassani e Armelin (2023), que consideram a raiz como o elemento primitivo, em detrimento do radical ou da palavra, é a vogal temática o elemento responsável por determinar se a raiz se comportará como forma presa ou como forma livre no composto. Desse modo, seria possível diferenciar um composto “comum” de um composto neoclássico. Assim, por serem abstratas e desprovidas de categoria gramatical, as raízes podem assumir diferentes realizações fonológicas,

determinadas em estágio pós-sintático. Na ausência da vogal temática, anexa-se à raiz a vogal de ligação. Nesse sentido, a alternância interna das formas das raízes nos compostos está diretamente relacionada à presença ou ausência do núcleo temático (que, na classificação acima, apresenta-se na VL) em seu nó terminal. É possível, então, determinar se uma base, ainda que vernácula, realiza-se como forma presa ou como forma livre: no composto **bate-panel(a)**, a presença da vogal temática *-a* em *panel-* classifica essa unidade como uma base livre e a formação é considerada, então, um composto “comum”; no composto **panel(ó)dromo**, a ausência da vogal temática e a presença da vogal de ligação *-o-* em *panel-* classifica a formação como um composto de bases presas, e a presença do elemento grego *-dromo* atribui à formação o status de composto neoclássico.

De fato, a presença de formas presas e vogais de ligação são principais os critérios apresentados nos estudos sobre os compostos neoclássicos para diferenciá-los da composição “tradicional”. Petropoulou (2009) explica que o que torna essas palavras únicas em comparação com outros compostos é o fato de que os radicais não ocorrem como forma livre na língua. Hayashi (2024) acrescenta que se deve considerar um mecanismo especial para lidar com os elementos de ligação que ocorrem nas partes conectoras dos compostos neoclássicos, como *-o-* em **astronauta** e *-i-* em **patricídio**, uma vez que a presença de vogais de ligação é uma diferença importante entre os compostos neoclássicos e os compostos comuns.

O emprego da vogal de ligação, entretanto, é também observado em compostos não neoclássicos, em que ambas as bases são vernaculares, como em **esquerd(o)chato** ou nos exemplos exibidos na classificação (iv) de Rio Torto *et al.* (2013), **astr(o)-húngaro** e **franc(o)-alemão**. Nesses casos, como explicam Nóbrega, Bassani e Armelin (2023), o emprego da vogal justifica-se pela agramaticalidade decorrente da inserção de suas respectivas marcas de classe. Seria agramatical, por exemplo, a formação ***esquerda-chato**. Os autores recorrem a uma regra de inserção da vogal de ligação motivada por razões fonológicas, o que se mostra coerente dentro do modelo proposto,

mas parece não esgotar o problema. Uma alternativa seria compreender o fenômeno à luz de um esquema analógico, no qual o elemento -o- é recorrente na formação de compostos. Nessa perspectiva, a vogal -o- poderia ser explicada não como uma vogal de ligação, mas como parte de um subesquema [X -o- Y].

Booij (2007) denomina de **formas combinatórias** as raízes que considera não lexicais, uma vez que estas ocorrem exclusivamente em conjunto com outros morfemas. De acordo com o autor, “essas raízes presas não podem ser consideradas afixos, já que isso implicaria que palavras como **necrologia** seriam compostas somente por afixos, contrariando a ideia de que cada palavra contém, no mínimo, um radical” (Booij, 2007, p. 30, tradução nossa⁴). A partir dessa concepção, o autor redefine os compostos, considerando-os como combinações de lexemas e/ou raízes não afixais.

Os constituintes são classificados, nos compostos neoclássicos, enquanto formas de combinatórias iniciais, que incluem elementos como *bio-*, *psico-*, *geo-* e *socio-*, e formas de combinatórias finais, como ocorre com *-logia* e *-grafia* (Booij, 2007, p. 86). Ou seja, a interação entre os formantes eruditos e os elementos vernáculos estabelece diferentes padrões de combinação, o que afeta o posicionamento dos formantes na estrutura do composto. Quando combinados com unidades vernáculas, os formantes eruditos podem anexar-se no início, como em **bioarma** e **aerococa**, ou no final do composto, como em **pipocômetro** e **politólogo**. Quando o composto é constituído por dois elementos eruditos, mantém-se a tendência de anexação no início da formação, para os elementos que tendem a prefixo, como *eco-* em **escosfera** e *neo-* em **neoscópio**, e no final da formação, para aqueles que tendem a sufixo, como *-nauta* em **cosmonauta** e *-grafia* em **criptografia**. É possível, no entanto, que ocorra alternância de posição com um mesmo formante neoclássico em diferentes compostos, de forma que o elemento ocorra tanto na primeira quanto na segunda posição. O elemento *-antrop-*, por

⁴ No original: These bound roots cannot be considered affixes since that would imply that words such as **necrology** would consist of affixes only. This goes against the idea that each word has at least one stem.

exemplo, posiciona-se no início da composição **antropomórfico** e no final da composição **filantropia**; o elemento *-metro-* estabelece-se na primeira posição em **metrônomo** e na segunda posição em **odiômetro**.

Assim, a composição neoclássica encontra-se, morfologicamente, nos limites entre dois processos de formação: a derivação e a composição. Os elementos de origem grega ou latina que constituem os compostos neoclássicos não são propriamente prefixais ou sufixais, apesar de apresentarem uma posição fixa preferida no início ou no final das formações de que participam. Esses elementos tampouco são precisamente compositionais, porque, apesar de disporem de duas (ou mais) bases, ao menos uma delas não se comporta como base livre, ou seja, não é independente. Dessa forma, o elemento erudito pode anexar-se na posição inicial da formação, tendendo a prefixo, na posição final, tendendo a sufixo, ou pode constituir as duas bases presas da formação, tendendo a radical.

A respeito da complexidade na distinção dos formantes eruditos enquanto bases (elementos de composição) ou afixos (elementos de derivação), atesta Hayashi (2024) que este é um problema comum e que, geralmente, esses elementos são tratados de forma distinta na literatura sobre o tema. A autora menciona, por exemplo, a forma *neo-*, que é considerada como prefixo por Marchand (1969) e como elemento de composição por Quirk *et al.* (1985). A classificação se inverte no caso do elemento *pseudo-*, considerado por Marchand (1969) como um elemento de composição e por Quirk *et al.* (1985) como um prefixo. Alves (2022) denomina, indistintamente, as formas gregas *mega-*, *giga-*, *micro-* e *nano-* como elementos de composição e como prefixos. Além disso, Bauer (2001, *apud* Hayashi, 2024) interpreta a forma *imuno-* como “oscilante” na classificação dos processos morfológicos envolvidos. O autor afirma que o elemento seria um composto ou uma afixação no caso de **imunoeletroforese**, uma afixação no caso de **imunodeficiência** e um composto neoclássico no caso do **imunócito**. E ainda Rio-Torto *et al.* (2013) entendem que, ao longo do tempo, unidades como **cultura**, **fobia**, **mania** e **terapia**, presentes em formações como **tomaticultura**,

hidrofobia, musicomania e sonoterapia, deixaram de ter o status de elementos de composição e tornaram-se palavras autônomas em português; por esse motivo, os autores consideram que os compostos em que ocorrem são constituídos não por um radical preso unido a um radical erudito, mas sim por um radical preso unido a um “nome autônomo”. Hüning (2018) comenta sobre essa frequente controvérsia na classificação dos compostos neoclássicos, reiterando a complexidade do tema, que se intensifica diante das diversas perspectivas apresentadas na literatura:

O status dessas palavras sempre foi controverso. Enquanto a maioria dos livros pressupõe uma classe de compostos neoclássicos, Lüdeling et al. (2002) argumentam que a formação de palavras neoclássicas não difere, em princípio, da formação de palavras nativas. Bauer (1998), por sua vez, discute os compostos neoclássicos como uma categoria prototípica, mostrando também que há uma grande sobreposição com os padrões de formação de palavras nativas (Hüning, 2018, p. 344, tradução nossa⁵).

A partir de um viés cognitivista para o estudo das construções das palavras, Simões Neto (2022) aponta duas importantes propriedades das formações compostas como um todo. A primeira é a regularização estrutural, identificada na impossibilidade de inversão da ordem, de substituição dos elementos e de inserção de outros *chunks*⁶ na estrutura compositiva. A segunda é a particularização semântica, identificada na elaboração de um significado que só acontece na realização conjunta dos elementos integrantes. Outra propriedade dos radicais eruditos dos compostos, dessa vez de cunho gramatical, é apontada por Rio-Torto *et al.* (2013): esses elementos

⁵ No original: The status of such words has always been controversial. While most text books assume a class of neoclassical compounds, Lüdeling et al. (2002) claim that neoclassical word-formation does not differ in principle from native word formation. And Bauer (1998) discusses neoclassical compounds as a prototypical category, also showing that there is much overlap with native word formation patterns.

⁶ De acordo com o autor, o *chunk* é entendido por Bybee (2016) como um elemento mnemônico que pode integrar vários sistemas cognitivos humanos, incluindo a linguagem. O *chunking* diz respeito à elaboração de *chunks* mais complexos a partir de *chunks* menores. Nesse sentido, os compostos, de qualquer natureza, podem ser explicados cognitivamente pelo fenômeno de *chunking*, uma vez que são estruturas realizadas frequentemente de maneira conjunta.

de origem grega ou latina caracterizam-se por serem marcados categorialmente como nomes, adjetivos ou verbos e por terem capacidade denominativa e ou predicativa. Os autores exemplificam com as marcações [hidr-]_{RN} e [cron-]_{RN} para nomes, [arque-]_{RA} e [cali-]_{RA} para adjetivos e [-cid(a)]_{RV} e [-fer(o)]_{RV} para verbos, sendo RN o radical nominal, RA o radical adjetival e RV o radical verbal. Essas categorias são estabelecidas a partir dos aspectos semânticos do formante, como “tempo” para *cron-*, “belo” para *cali-* e “que mata” para *-cida*.

Além disso, apesar de os elementos eruditos, em língua vernácula, serem considerados bases presas, ou seja, não ocorrerem, a princípio, como palavras, mas sim como formantes que se unem a outras unidades, são muito comuns, em situações comunicativas, usos como “Link na **bio**”, “João pegou **corona**”, “Vou hoje na **fono**” e “Vamos comprar **criptos**”. Essas ocorrências, na realidade, correspondem a formas truncadas de compostos, em que apenas um dos constituintes passa a representar semanticamente o todo, assumindo o significado completo da expressão original. Assim, nesses contextos, **bio** corresponde a **biografia**, **corona** corresponde a **coronavírus**, **fono** corresponde a **fonoaudióloga** e **criptos** corresponde a **criptomoedas**.

Como toda formação lexical, a composição neoclássica pode ser representada por esquemas construcionais, que consistem em padrões preestabelecidos de formação de palavras, no âmbito da Morfologia Construcional. Do ponto de vista dessa abordagem, esquemas construcionais constituem “padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente” (Gonçalves; Almeida, 2014, p. 170). Nessa concepção, por meio da compreensão inconsciente de esquemas construcionais, os falantes são capazes de produzir, identificar e categorizar novas formações, bem como inferir o significado de constructos (formações concretas) até então desconhecidos. Nas palavras de Gonçalves e Almeida (2014),

Falantes dominam esquemas morfológicos por reconhecerem conjuntos de palavras que instanciam esses padrões. Dessa forma, os usuários da língua são capazes de inferir um sistema abstrato ao se depararem com um número de palavras do mesmo tipo e estendê-lo ainda mais (Gonçalves; Almeida, 2014, p. 177).

Um esquema, portanto, é um padrão que expressa as propriedades comuns de um conjunto de unidades linguísticas (Booij, 2007), como morfemas. No caso da formação de palavras por elementos neoclássicos, pode-se expressá-la com o esquema genérico [X Y]_N, em que X e Y representam sequências fonológicas, neste caso os radicais presos (formas combinatórias), e o subscrito N representa a categoria gramatical do composto. Pode-se incluir, ainda, um o polo semântico ao esquema, estabelecido à direita, especificando semanticamente as diversas possibilidades de significação da construção. Esse polo é precedido de uma seta dupla, que explicita o “pareamento entre forma e conteúdo” (Soledade; Gonçalves; Simões Neto, 2022, p. 17). O esquema genérico da composição neoclássica, que posteriormente se desdobra até atingir as formações concretas, estrutura-se como segue:

$$[X Y]_N \leftrightarrow [\text{relação SEM entre } X \text{ e } Y]$$

O polo semântico da construção é caracterizado por uma especificação geral o suficiente para abrigar as diversas possibilidades de significação da composição em estudo (Gonçalves; Almeida, 2014). A partir desse esquema genérico, é possível descrever a formação de outros subesquemas com semânticas distintas, mas relacionadas, de modo a demonstrar a variação semântica do elemento erudito que se analisa, o que pode gerar, por exemplo, uma herança por polissemia em neologismos compostos com esse elemento. Assim, pode-se conceber, a partir das unidades formadas por um esquema, várias outras que se relacionam, o que indica a produtividade de determinado formante na língua, como será demonstrado na seção 5, adiante, com os radicais gregos *tele-* e *-fobia*. Essa abordagem baseada em esquemas permite explicar novas formações neoclássicas e o motivo pelo qual estas são aceitas no discurso, uma vez que se encaixam em padrões reconhecíveis.

4 Metodologia

Para se chegar aos neologismos a serem analisados, a presente pesquisa utilizou os *corpora* previamente levantados para o projeto maior a que é atrelada, intitulado “Neologia: aspectos lexicais, culturais e extração automática”, em desenvolvimento na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Estipulou-se que o *corpus* de estudo, que apresenta os candidatos a neologismo, conteria textos escritos entre 2020 a 2025 e que o *corpus* de exclusão, usado para contraste, conteria textos escritos entre 2007 e 2019. Os textos são do gênero jornalístico e foram coletados dos portais Veja, IstoÉ, Terra e Olhar Digital.

A coleta foi feita de maneira automatizada por alunos do curso de Ciência da Computação da UFES com auxílio de um *web scraper*, técnica utilizada na ciência de dados para extrair informações de sites analisando o código por trás destes. Com essa técnica, é possível determinar critérios (como o intervalo de tempo, fundamental para a neologia) para a extração de textos de notícias. Juntos, os dois *corpora* totalizaram aproximadamente 110 milhões de palavras. Foi incluída também, como *corpus* de exclusão, a chamada “Lista de todas as palavras do português brasileiro”⁷, elaborada no Instituto de Matemática e Estatística (IME) da USP e construída a partir do dicionário *br.ispell*. Trata-se de uma lista que apresenta unidades não lematizadas (verbos e nomes flexionados), o que é muito funcional para pertencer a um *corpus* de exclusão.

O contraste entre os *corpora* foi feito também de forma automatizada por um Extrator de neologismos, desenvolvido o projeto supracitado. O Extrator acessa os textos dos *corpora* salvos no Google Drive pelo *Jupyter Notebook*, ambiente interativo para programação em *Python*. Após a execução dos códigos que estabelecem critérios para a detecção das unidades, a ferramenta gera uma lista de candidatos a neologismo.

⁷ Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~pf/dicos>. Acesso em: 5 dez. 2021.

Na Figura 1, observa-se a tela do Extrator com a execução finalizada, e as unidades que encabeçam a lista de candidatos são exibidas à direita, por ordem de frequência:

Figura 1 – Tela final do Extrator de neologismos, com os primeiros de candidatos à direita.

```

dic = readDictionary(DIC_FILE)
exc, typesExc = readFiles(EXC_DIR)
freq = readFilesWithFrequency(NEO_DIR)

print("Dicionário, Tokens = %d" % len(dic))
print("Exclusão, Tokens = %d, Types = %d" % (len(exc), typesExc))
print("Neológico, Tokens = %d, Types = %d" % (len(freq.keys()), sum(freq.values())))

finalExc = dic.union(exc)
neologisms = set(freq.keys()).difference(finalExc)

print("Neologismos, Tokens = %d" % len(neologisms))

with open(OUT_FILE, "w") as f:
    for w in sorted(neologisms, key = lambda w: (freq[w], w.lower()), reverse=True):
        f.write(w + ' ' + str(freq[w]) + '\n')

```

Rank	Termo	Frequência
1	chatgpt	5197
2	ómicron	2565
3	milei	2410
4	coronavac	2351
5	GRÁTIS	1526
6	cloroquina	1318
7	hidroxicloroquina	911
8	nftis	894
9	sinovac	842
10	ingenuity	799
11	shopee	585
12	gonet	562
13	pré-pandemia	509
14	shein	503
15	deepseek	503
16	clubhouse	459
17	jairinho	419
18	endrick	411
19	RT-PCR	398
20	lunação	388
21	mdb	386
22	SAF	383
23	PNI	381
24	inteligov	373
25	interfases	368
26	monkeypox	365
27	remdesivir	358
28	ozempic	355
29	erok	351

Fonte: elaborado pela autora.

Como se nota, são coletadas também unidades que não têm utilidade para a pesquisa, como nomes próprios, erros de ortografia, *hashtags* etc. Por isso, a validação final foi feita manualmente, a fim de se descartarem essas unidades, mantendo-se apenas aquelas que estão de acordo com os principais critérios estipulados pelas pesquisas em neologia: o surgimento recente, a ausência do *corpus* de exclusão, a ativação da intuição neológica e a instabilidade sistemática (Cabré, 1993; Rey, 1976). Somando-se a esses parâmetros, incluiu-se a pesquisa do candidato na ferramenta Google Trends, que mostra, por meio de gráficos, o aumento ou declínio da popularidade da busca por termos em períodos específicos (cf. Jesus, 2021). Além disso, considerando-se os objetivos do presente trabalho, as unidades deveriam conter formantes gregos ou latinos, a fim de constituírem composições neoclássicas.

5 Resultados e discussão

Em uma análise inicial dos compostos neoclássicos validados, é possível observar alguns dos principais fenômenos morfolexicais que esses elementos manifestam. Com relação ao posicionamento no composto, como já se descreveu, os formantes eruditos podem ocorrer no início, encabeçando a formação, como em **criptoevangelista** e **bioarma** ou no final, como em **politólogo** e **mamatocracia**. Assim, foram detectadas composições neoclássicas neológicas com os seguintes radicais de primeira posição: *aero-*, *agro-*, *bio-*, *cripto-*, *foto-*, *gastro-*, *hidro-*, *homo-*, *imuno-* *necro-* *neo-* *arco-*, *psico-* e *tele-*. Os radicais de segunda posição que se apresentaram nas composições no *corpus* foram *-cídio*, *-voro*, *-algia*, *-cracia*, *-demia*, *-dromo*, *-fagia*, *-fobia*, *-filo*, *-grafia*, *-latria*, *-logia*, *-metro*, *-nauta*, *-scópio*, *-sfera* e *-teca*.

Além disso, observam-se casos de variação ortográfica, principalmente quanto ao uso ou não do hífen, o que reflete a instabilidade formal, que constitui uma pista para a detecção de neologismos. Constatou-se a variação de grafia em uma mesma unidade lexical e no grupo de composições de determinados formantes. No primeiro caso, apresentam-se, por exemplo, as variantes **lgbtfóbico** e **lgbt-fóbico**, **neonazi** e **neo-nazi**, **bioassinatura** e **bio-assinatura**, **aeroubber** e **aero-uber**. No segundo caso, exemplifica-se com o radical grego *neo-*, que se mostrou produtivo tanto nas grafias sem hífen, como em **neorracismo**, **neobolsonarista**, **neobanco**, **neoface**, **neoantígeno** e **neotententismo**, quanto nas grafias com hífen, separando o radical erudito da segunda base da formação: **neo-tucano**, **neo-cantor**, **neo-assírio**, **neo-aliado**, **neo-nazi**, **neo-noir**, **neo-tóquio**, **neo-social**, **neo-prestigiador**, **neo-feminismo** e **neo-cartesianismo**.

A heterogeneidade comportamental e a variedade de possíveis combinações a partir dos radicais neoclássicos são destacadas por Nóbrega (2013). Para tanto, o autor considera cinco propriedades morfológicas que se manifestam de forma geral nesses elementos: (i) capacidade de anexação a outros radicais neoclássicos; (ii) capacidade de anexação a unidades não neoclássicas; (iii) capacidade de derivar novas palavras;

(iv) capacidade de transitar no composto; (v) capacidade de serem truncadas. Passase, agora, a analisar esses comportamentos nos termos da presente pesquisa.

(i) Capacidade de anexação a outros radicais neoclássicos

Essa propriedade indica que a estrutura do composto pode constituir-se por dois, três ou mais radicais eruditos, revelando o fenômeno da recursividade. Nas palavras de Nóbrega (2013, p. 276), trata-se da “possibilidade de concatenação de vários radicais para a formação de um composto, característica peculiar dos compostos neoclássicos”. Essa capacidade permite a criação de unidades lexicais complexas, em que cada radical contribui com seu próprio significado e, ao ser combinado, forma uma nova entidade lexical com um mais específico. A vogal de ligação, indicada entre parênteses, atua como elemento intermediário que conecta os radicais. No caso dos compostos constituídos por apenas dois radicais, destacam-se, dentre as unidades coletadas, os exemplos listados no Quadro 1:

Quadro 1 – Exemplos de compostos neoclássicos constituídos por dois radicais.

radical 1 (+VL) + radical 2	
aer(o)- + -fobia	fon(o)- + -fobia
astr(o)- + -fobia	hidr(o)- + -fone
cript(o)- -nauta	psic(o)- + -biótico
critp(o)- -grafia	psic(o)- + -fobia
eco- + -sfera	psic(o)- + -nauta
fisi(o)- + -cracia	telé- + -filo

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 2, apresentam-se exemplos de compostos constituídos por três ou quatro radicais. A vogal de ligação está presente em cada uma das concatenações, ou seja, as composições podem incluir duas ou mais vogais de ligação. A vogal -i- aparece em apenas um composto, **agrícola**, para anexar *agro* ao elemento *-cola*, que se trata de um radical latino, e não grego:

Quadro 2 – Exemplos de compostos neoclássicos constituídos por três ou quatro radicais.

radical 1 (+VL) + radical 2 (+VL) + radical 3 (+VL) (+ radical 4)	
aer(o)- + -agr(i)- + -cola	fot(o)- + -imun(o)- + -terapia
agr(o)- + -ecó- + -logo	fot(o)- + -tele- + -fônico
bio- + -arque(o)- + -lógico	imun(o)- + -cromat(o)- + -grafia
bio- + -eco- + -nomia	pale(o)- + -term(o)- + -metria
bio- + -tele- + -metria	tele- + -psic(o)- + -logia
fot(o)- + -bio- + -grafia	soci(o)- + -bio- + -eco- + -nomia

Fonte: elaborado pela autora.

(ii) Capacidade de anexação a unidades não neoclássicas

Destacam-se, ainda, além das formações que combinam apenas elementos neoclássicos, formações com palavras vernáculas. A esse respeito, lembra Simões Neto (2022) que algumas junções com unidades vernáculas formam compostos bem menos eruditos que os tradicionais. A partir da observação de formações como **cavalódromo**, **jegódromo**, **bodódromo** e **burródromo**, o autor afirma que essas construções não são usuais do jargão científico e operam sobre *inputs* morfológica e semanticamente transparentes. Ou seja, nas criações neológicas desse tipo, geralmente, a estrutura e o significado são claramente perceptíveis, e os formantes apresentam alto grau de independência. Isso indica que a maioria das formações com esses elementos não corresponde a palavras cristalizadas, como se pode observar pelo próprio uso, ainda que os falantes em geral não tenham conhecimento etimológico. Além disso, as unidades lexicais geradas não se restringem a contextos especializados, mas circulam na comunicação cotidiana e fazem parte do léxico comum (Gonçalves, 2011). Nos compostos levantados pela presente pesquisa, apresentam-se numerosas formações que anexam os radicais eruditos a palavras vernáculas, algumas das quais estão listadas no Quadro 3:

Quadro 3 – Compostos neoclássicos constituídos por radical erudito e palavra vernácula.

Radical erudito em primeira posição	Radical erudito em segunda posição
aerococa	criptotrambique
aeromédico	hidro-avião
aerotrem	homoerótico
agro-extaltação	narco-crime
bioarma	neobanco
biodança	psicoemotivo
biodigital	teletrabalhar
criptoarte	televangelismo
	acentocídio
	blocódromo
	cãoauta
	covardecídio
	descontômetro
	estatólatra
	familiocracia
	fofurômetro
	intolerômetro
	lixômetro
	machosfera
	mamatocracia
	mercadocrata
	modernismolatria
	odiômetro
	ouroteca
	padrãofobia
	paginômetro
	partidômetro
	pipocômetro
	popfóbico
	provódromo
	robônauta
	russofobia
	salariômetro
	terrascópio
	tomatômetro

Fonte: elaborado pela autora.

Além das formações constituídas pela combinação de elementos eruditos com palavras vernáculas em língua portuguesa, foram identificados compostos nos quais radicais gregos ou latinos anexam-se a empréstimos da língua inglesa. No conjunto de formações analisadas, destacam-se os compostos **aero-bike**, **agroboy**, **bio-internet**, **happycracia**, **narcolockdown**, **newstalgia**, **selficídio** e **twindemia**.

(iii) Capacidade de derivar novas palavras

Os radicais neoclássicos podem receber afixos, participando da formação de palavras tanto por prefixação quanto por sufixação. No primeiro caso, atuam como elementos de segunda posição aos quais se anexam prefixos, tanto individualmente quanto nas composições com outros radicais neoclássicos ou vernáculos. No segundo caso, funcionam como bases às quais se acrescentam sufixos. Esse comportamento retoma a questão teórica sobre a classificação dos elementos eruditos enquanto radicais, uma vez que sua função morfológica, muitas vezes, aproxima-se da de afixos, principalmente pelo fato de aparecerem sistematicamente em determinadas posições e apresentarem comportamentos previsíveis na formação de novas palavras. A capacidade de derivar novas unidades lexicais, entretanto, pode impor-se como um argumento a favor da classificação desses elementos como radicais, e não afixos.

No *corpus* da presente pesquisa, foram encontrados radicais eruditos anexados a elementos prefixais como *anti-*, em *anticriptografia* e *antimeritocrático*; *pró-*, em *pró-*

agronegócio; *micro-*, em **micrografia**; *não-*, em **não-criptografado** e *ultra-*, em **ultrademocrático**. Note-se que alguns autores não consideram os três últimos elementos, *micro-*, *não-* e *ultra-*, como prefixos. No estudo de Alves (2000), no entanto, a autora demonstra o comportamento prefixal dessas unidades, em contextos morfossintáticos semelhantes aos dos compostos aqui elencados. É possível, também, que prefixo e sufixo anexem-se, conjuntamente, aos radicais neoclássicos, constituindo uma derivação prefixal e sufixal. No *corpus*, foram identificadas as composições *ilogismo*, que une o radical grego *log-* ao prefixo de negação *i-* e ao sufixo *-ismo*, e a composição **desdemocratização**, que une os radicais gregos *demo-* e *-crac(ia)*, ao prefixo *des-* e, com a consoante de ligação *t*, ao sufixo verbal *-izar*, seguido do sufixo substantival *-çāo*. Além dessas, constituem derivação prefixal e sufixal com o elemento grego *cripto-* as formações **descriptografar**, **descriptografação** e **descriptografável**, com sufixos que alteram a classe das bases para verbo, substantivo e adjetivo, respectivamente. Quanto ao processo de derivação sufixal, foram observadas formações em que os radicais eruditos atuam como base para a anexação dos sufixos *-izar*, como em **psicotizar** e **desburocratizar**; *-ico*, como em **marquetológico** e **lgbtfóbico**; e *-ista*, como em **bidenlogista** e **respirologista**.

Além disso, observou-se a ocorrência da derivação parassintética **encriptar**. Nesse tipo de formação, prefixo e sufixo envolvem a base simultaneamente, como ocorre com *en-* e *-ar* que, adicionados à base grega *cript(o)-*, formam o verbo **encriptar**. Outra possibilidade de análise desse neologismo seria considerá-lo como um estrangeirismo, resultante de uma adaptação do verbo inglês *encrypt*.

(iv) Capacidade de transitar no composto

Apesar de, na grande maioria dos casos, os radicais eruditos estabelecerem-se em uma posição preferida no composto, alguns desses elementos podem apresentar “mobilidade estrutural”, ou seja, podem ocupar tanto a primeira quanto a segunda posição na formação. Esse fenômeno pode ser observado em construções como

fonologia e **aerófono**, em que o radical *fono-* aparece como primeiro elemento em um caso e segundo elemento no outro. Nas composições neoclássicas da presente pesquisa, não se identificou esse “trânsito” dos radicais. O que se observou, em vários neologismos, foi a adição de um radical de primeira posição em compostos já formados. Em **tecnodemocracia**, tem-se a construção [tecnico [demo cracia]], de modo que *demo-* é o primeiro elemento de **democracia**; e é a palavra já formada **democracia** que, por sua vez, passa ocupar a segunda posição da formação total **tecnodemocracia**. O mesmo ocorre nas formações com *bio-* em **agrobiodiversidade** e **sociobioeconomia**, em que *agro-* e *socio-* aparecem na primeira posição das composições **biodiversidade** e **bioeconomia**. Nesta última, aliás, esse fenômeno ocorre pela segunda vez: à primeira posição do composto **economia** foi acrescentado o formante *bio-* e, a essa formação, foi acrescentado o formante *agro-*, no esquema [agro [bio [eco nomia]]]. Com o formante *psico-*, que se fixa preferencialmente em primeira posição, observaram-se as construções com *tele-* e *corona-* em **telepsicologia** e **coronapsicose**. Nesta última, o sufixo *-ose* forma o derivado **psicose**, que, por sua vez, passa a ser o segundo elemento de **coronapsicose**. Observou-se, ainda, o radical de primeira posição *tele-* nas construções **telemetria** e **telefônico**, assumem a segunda posição com *bio-* e *foto-* em **biotelemetria** e **fototelefônico**.

(v) Capacidade de serem truncadas

Como se viu, no processo de truncamento morfológico, uma palavra ou um de seus constituintes sofre redução, mantendo a carga semântica da formação original. No caso dos radicais eruditos, o truncamento ocorre quando uma composição neoclássica é reduzida a um de seus radicais, que passa a ser usado de forma independente, preservando o significado associado à estrutura original completa. Este significado, contudo, é contexto-dependente e pode variar: **hidro**, por exemplo, pode se referir a **hidroginástica** ou **hidromassagem**. Das unidades lexicais validadas, aparece truncado o radical *cripto-*, com o sentido de **criptomoedas**, recebendo,

inclusive, marca de flexão de número em contextos frasais, como se observa nos exemplos (1) e (2):

- (1) **Criptos** caem após disparada com anúncio de Trump sobre reserva estratégica. Algumas moedas chegaram a valorizar quase 80% no domingo (2), mas perdem fôlego nas negociações deste início de semana. (CNN)⁸.
- (2) Qualquer usuário que conseguir rastrear essas aplicações será pago com um percentual das **criptos** eventualmente recuperadas – que Zhou afirma ser de 5%, mas no site o percentual mostrado é de 10%. (Estadão)⁹.

Apesar de apenas esse radical passar por truncamento, notou-se que praticamente todos os radicais de primeira posição levantados (dentre eles *agro-*, *aero-*, *foto-*, *gastro-*, *homo-*, *narco-* e *psico-*), talvez com exceção de *necro-* *neo-* e *tele-*, são passíveis de serem usados truncados no discurso. Alguns elementos de segunda posição, como *fobia*, *grafia* e *metro* são usados isoladamente, mas esses casos não configuram truncamento. Nos contextos, essas unidades não remeterem a um composto original de duas bases do qual uma teria sido retirada.

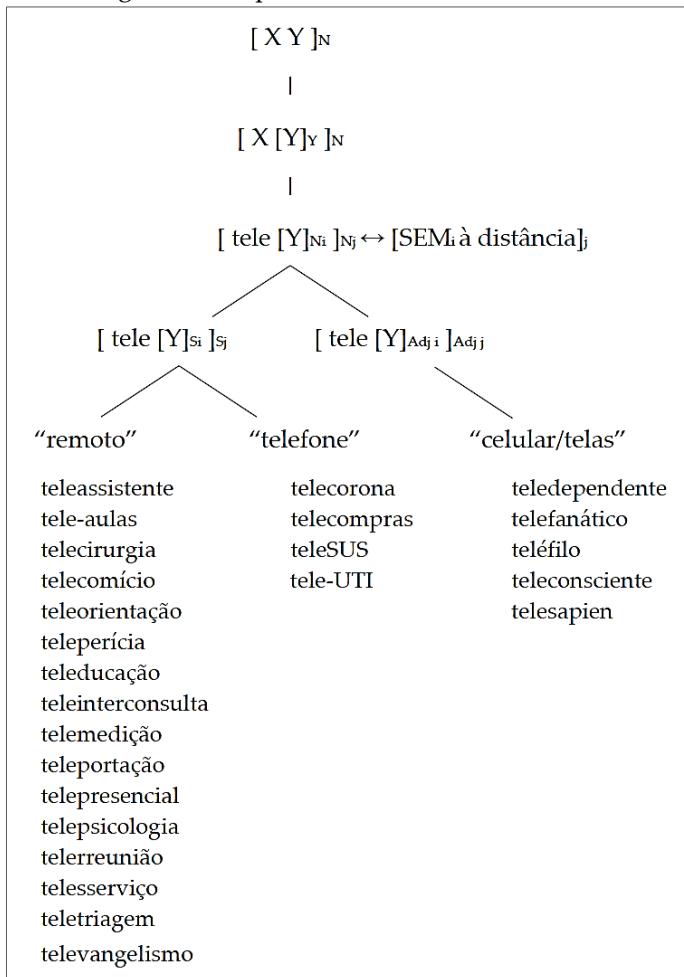
Os radicais truncados podem anexar-se a outras unidades e formar um novo composto, constituindo o processo morfológico da **recomposição**. Nesse tipo de formação, a semântica de todo o composto é englobada em uma das partes que, na nova composição, por um processo metonímico, passa a ter o significado dos dois elementos. Nos contextos de uso do *corpus*, detectou-se que o radical *cripto-*, por exemplo, foi truncado da “forma-gatilho” **criptomoeda**, e levou toda a carga semântica do composto às formações **criptoarte**, **criptoeconomia**, **criptogolpista**, **criptolândia**, **criptomercado**, **criptomineração**, **criptotrambique**, dentre outras. O mesmo ocorreu

⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mercado/criptos-caem-apos-disparada-com-anuncio-de-trump-sobre-reserva-estrategica>. Acesso em: 29 jun. 2025.

⁹ Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/criptomoedas/lazarus-grupo-coreia-do-norte-autor-do-maior-roubo-de-criptos-da-historia>. Acesso em: 29 jun. 2025.

com o radical *-nauta*, truncado de **astronauta** e anexando-se a palavras lexicais nas composições **cãoauta** e **robonauta**, além da junção com o próprio formante *cripto-*, em **criptonauta**.

Do ponto de vista construcional, são estabelecidos **esquemas** que funcionam como padrão para a criação de palavras, em detrimento da simples anexação linear de elementos. Como apontado na fundamentação teórica, as composições neoclássicas derivam da macroconstrução $[X Y]_N$, que irá se desdobrar até atingir as formações concretas. Os elementos X e Y são considerados *inputs*. As composições cujo formante neoclássico une-se a uma palavra vernácula são representadas por $[[X]_x Y]_N$ quando a palavra se anexa antes do radical erudito e por $[X [Y]_y]_N$ quando ela se anexa depois do radical. Nesses casos, o *input* X no primeiro esquema e o Y no segundo esquema apresentam-se entre colchetes por representarem uma palavra lexical (como **mercado** em **mercadocrata** e **digital** em **biodigital**), e os seus subscritos X e Y representam sua categoria morfossintática. O radical erudito não é etiquetado sintaticamente porque, como explica Simões Neto (2022), entre os compostos neoclássicos, ao menos um *input* envolvido é um radical preso, ou seja, não existe como palavra na língua e não deve receber uma etiqueta desse tipo. O *output*, que se refere à construção como um todo, no entanto, recebe a etiqueta categorial N, uma vez essas formações pertencem à classe dos nomes. A Figura 2 apresenta a rede construcional da composição com o elemento de primeira posição *tele-*, do grego τηλε, partindo do esquema mais abstrato e desenvolvendo-se até chegar às principais ocorrências encontradas no *corpus*:

Figura 2 – Esquema construcional de *tele-Y*.

Fonte: elaborado pela autora.

Na terceira linha da rede construcional, a categoria gramatical da palavra lexical é especificada: S subscrito, indicando substantivo. O radical erudito em estudo, *tele-*, é agora explicitado como primeira posição da formação, e a informação sobre a categoria gramatical do composto é também especificada em S subscrito fora do colchete. As marcações subscritas i e j indicam que tanto a base Y quanto o produto fazem parte do léxico. Após a seta dupla, são acrescentadas as contribuições da palavra de base (SEM_i) e a do radical grego, que, genericamente, significa “à distância”. Ou seja, como explicam Gonçalves e Almeida (2014), o polo semântico da construção é caracterizado por uma especificação geral o suficiente para abrigar as diversas possibilidades de significação da composição em estudo, neste caso, as formações com *tele-*.

Nos desdobramentos finais, nota-se que, ao longo do tempo, as composições atribuíram novas acepções para o radical *tele-* que o afastam do padrão de formação inicial. Desse modo, nos neologismos levantados, o formante assume três sentidos em sua relação com o segundo elemento: “remoto”, “telefone” e “celular/telas”. Na acepção “telefone”, ou “número de telefone”, o uso do formante confere à unidade lexical a ideia de “disque-X”: *teleSUS*, por exemplo, remete a um “disque-SUS”, telefone para contatar o Sistema Único de Saúde, e **telecorona** remete a um “disque corona”, telefone para se obter informações sobre o coronavírus. Na acepção “celular/telas”, os termos resultantes ocorrem na forma adjetival e são usados para qualificar o comportamento dos usuários com relação aos dispositivos móveis, principalmente a relação de dependência, fenômeno típico da era digital. Os exemplos (3) e (4), a seguir, contextualizam o uso das cinco unidades coletadas com essa acepção: **telefanático**, **teleconsciente**, **teledependente**, **telesapiens** e **teléfilo**:

(3) Segundo o estudo, 41,5% dos participantes se enquadram no perfil chamado **teledependente**, aquele que nunca deixa de utilizar o telefone ao longo do dia. Em contrapartida, 32% dos pesquisados se encaixaram no perfil **teleconsciente**, ou seja, alcançaram um estado de equilíbrio no uso do smartphone. A pesquisa revelou ainda que 5,5% dos respondentes são **telesapiens**, que usam o telefone apenas para o básico, como ver a hora e fazer ligações, e não gostam nem de enviar mensagens de texto. Por fim, a minoria (1,5%) foi considerada **telefanática**: nunca fica sem telefone e sente-se vulneráveis e estressada sem ele. (OD)¹⁰

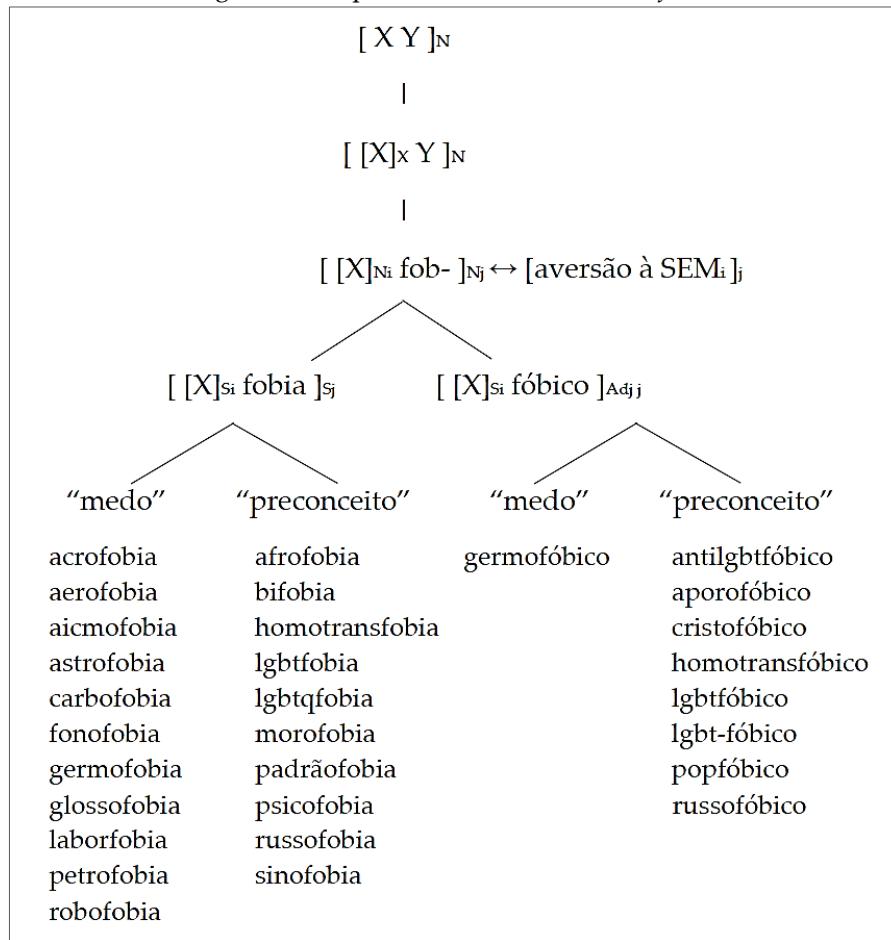
(4) **Teléfilo** (18,98%): a pessoa que não resiste ao seu smartphone. Usa em momentos de descanso, só porque ele está ali, disponível. Sente ansiedade quando o telefone acusa menos de 10% de bateria. (OD)¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/09/03/noticias/que-tipo-de-usuario-de-celular-voce-e-veja-os-perfis>. Acesso em: 5 jul. 2025.

¹¹ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/09/03/noticias/que-tipo-de-usuario-de-celular-voce-e-veja-os-perfis>. Acesso em: 5 jul. 2025.

A Figura 3, a seguir, apresenta o esquema construcional que mostra as possibilidades de anexação morfossintática das composições formadas com o elemento de segunda posição *-fobia*:

Figura 3 – Esquema construcional de *X-fobia*.



Fonte: elaborado pela autora.

Na terceira linha do esquema, o radical é localizado à direita em sua forma morfêmica *fob-*, de modo a prever a possível anexação de sufixos. A quarta linha mostra, então, que o radical anexa-se ao sufixo *-ia* para formar unidades substantivais e ao sufixo *-ico* para formar unidades adjetivas. Tradicionalmente, esse radical forma compostos que designam “aversão”, considerando-se sua acepção original grega (e descrita, na terceira linha, como sua acepção genérica das formações). Em criações lexicais mais recentes, entretanto, o radical passou também a atribuir à unidade anexada a ideia de “preconceito” ou “discriminação”. Essa evolução semântica

acontece tanto nas formações substantivais quanto nas adjetivais e reflete questões políticas e ideológicas que se encontram no debate tácito da sociedade contemporânea. A discriminação de gêneros, por exemplo, é expressa por **bifobia**, **homotransfobia**, **lgbtfobia** e **padrãofobia**. No campo da política, **morofobia** faz reverência à intolerância ao atual senador Sergio Moro, enquanto **russofobia** e **sinofobia** estão ligados a preconceitos étnicos e geográficos. A hostilidade contra pessoas pobres ou em situação de desamparo é marcada pelo adjetivo **aporofóbico**. A composição **psicofobia** relaciona-se ao preconceito com pessoas com transtornos mentais, e o adjetivo **cristofóbico** qualifica um indivíduo com intolerância religiosa a cristãos. Por fim, a intolerância racial está expressa pela formação **afrofobia**. Essas três últimas composições são apresentadas em seus contextos de uso nos exemplos (5), (6) e (7).

(5) Segundo o médico, o principal motivo para o estigma é a falta de conhecimento. Não saber traz esse estranhamento e as pessoas tendem a evitar o que não conhecem. O principal antídoto para o combate da **psicofobia** é popularizar informações sobre transtornos mentais. (CNN)¹²

(6) Na educação, onde o conselho nacional [o CNE] está impregnado da presença evangélica conservadora, qualquer resistência à moral e aos valores cristãos pode ser interpretada assim. Seria **cristofóbico** todo aquele que questiona a agenda ultraconservadora. (El País)¹³

(7) As restrições a viagens impostas a passageiros provenientes do sul da África são baseadas na “**afrofobia**”, e não na ciência, disse o presidente do Malauí, Lazarus Chakwera. (CNN)¹⁴

Como se pôde observar até aqui, muitos dos compostos neoclássicos neológicos que unem bases eruditas a palavras vernáculas parecem fazer alusão irônica a

¹² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/psicofobia-os-estigmas-sobre-saude-mental-e-medicamentos>. Acesso em: 13 jun. 2025.

¹³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-28/debate-sobre-cristofobia-e-estrategico-para-candidaturas-ultraconservadoras-avalia-pesquisador.html>. Acesso em: 13 jun. 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/presidente-do-malawi-restricoes-sao-baseadas-na-afrofobia-e-nao-na-ciencia>. Acesso em: 13 jun. 2025.

comportamentos, fenômenos sociais e culturais contemporâneos. As composições com *-metro*, por exemplo, têm como significado genérico supostos “aparelhos” que aferem a “quantidade” do conceito do substantivo ao qual se anexam. Esse uso do formante é novo e metafórico, uma vez que as composições mais antigas, como **bafômetro**, **impostômetro** e **parquímetro**, referem-se a dispositivos que existem no mundo físico, enquanto que, nos novos usos, esses dispositivos são “virtuais”, como mostram as explicações em (8) e os contextos (9), (10) e (11):

- (8) crisômetro: “aparelho” que mede crises.
drogômetro: “aparelho” que mede o consumo de drogas.
fofurômetro: “aparelho” que mede o grau de fofura.
intolerômetro: “aparelho” que mede o nível de intolerância.
odiômetro: “aparelho” que mede o nível de ódio.
promessômetro: “aparelho” que mede promessas feitas por alguém.
- (9) Isso tudo até a vitória de Joe Biden, quando o sol parece ter voltado a brilhar. De modo que fui ficando um tanto desconfiado. Não tenho um “**crisômetro**”, para medir a temperatura das democracias liberais, e desconfio que esse aparelhinho não existe. (Veja)¹⁵
- (10) Confesso não conhecer nenhum “**intolerômetro**” para saber, objetivamente, se somos hoje mais intolerantes do que há vinte ou trinta anos, mas desconfio que sim. Nos tornamos a sociedade de uma intolerância banal e difusa, que sem dúvida vem do Estado, com a crescente prática de criminalização da opinião, mas brota sobretudo da sociedade. (Veja)¹⁶
- (11) **Promessômetro** de Tarcísio: veja situação de 124 compromissos na metade do mandato. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) chega à metade de seu mandato à frente do Governo de São Paulo tendo cumprido 21% das 124 promessas feitas durante a campanha de 2022 e catalogadas pela Folha. (Folha)¹⁷

¹⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/fernando-schuler/o-liberalismo-no-diva>. Acesso em: 21 jun. 2025.

¹⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/fernando-schuler/o-longo-aprendizado>. Acesso em: 17 jun. 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/12/promessometro-de-tarcisio-veja-situacao-de-124-compromissos-assumidos-na-eleicao.shtml>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Encontram-se dentre os compostos, também, formações que incorporam nomes de figuras da política: **bidenlogista**, que se refere ao ex-presidente norte-americano Joe Biden; **aerolula**, que se refere ao atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva; **bolsosfera**, **hidroxibolsonaro** e **neobolsonarista**, que se referem ao ex-presidente Jair Bolsonaro; e **olavosfera**, que se refere ao jornalista Olavo de Carvalho. Nessas e em outras formações, observa-se uma convergência entre os processos morfológicos e a crítica extralingüística, configurando unidades lexicais que carregam um forte viés ideológico. Culturalmente, as formações revelam o contexto de polarização e a carga simbólica atribuída a essas figuras, e funcionam, no discurso, como instrumentos de ironia e crítica inerentes ao debate público.

6 Considerações finais

A pesquisa demonstrou a produtividade dos radicais eruditos na criatividade lexical atual da língua portuguesa. Esses elementos desempenham um papel importante nos estudos neológicos ao participarem da formação de grande número de compostos. Foram levantados, ao todo, 513 compostos neoclássicos que foram validados como neologismos. Dos formantes gregos de primeira posição, foram coletadas composições com *aero-*, *agro-*, *bio-*, *cripto-*, *foto-*, *gastro-*, *hidro-*, *homo-*, *necro-*, *neo-*, *narco-*, *psico-* e *tele-*. Das unidades gregas de segunda posição, foram coletadas composições com *-algia*, *-cracia*, *-demia*, *-dromo*, *-fagia*, *-fobia*, *-filo*, *-grafia*, *-latria*, *-logia*, *-metro*, *-nauta*, *-scópio*, *-sfera* e *-teca*. Das unidades latinas, foram coletadas composições com *imuno-*, de primeira posição, e *-cídio* e *-voro*, de segunda posição. Várias outras composições com elementos eruditos foram detectadas na lista gerada pelo Extrator de neologismos. Entretanto, notou-se, após o trabalho de validação que, apesar de apresentarem estrutura neoclássica, as unidades não constituíam neologismos e, por isso, não foram incluídas na lista final. Quanto à produtividade das formas combinatórias, no que se refere à facilidade com que podem gerar neologismos,

destacaram-se, nos termos do *corpus*, os radicais gregos *bio-*, *cripto-*, *-fobia*, *-metro*, *neo-* e o radical latino *imuno-*.

Enquanto, tradicionalmente, os radicais eruditos participavam de formações de termos técnicos, típicos de áreas de especialidade, os compostos neoclássicos coletados na pesquisa revelaram a alta tendência de esses formantes anexarem-se a palavras vernáculas. Apesar de haver semelhanças entre os compostos neoclássicos os compostos tradicionais, os primeiros especificam-se por apresentarem ao menos um radical erudito e por seguirem padrões construcionais os distinguem como um fenômeno morfológico específico, o que pode ser observado nas redes construcionais representativas desse processo formação. Tais redes demonstram, visualmente, as várias possibilidades de criação de novas unidades lexicais pelos falantes, que identificam, categorizam e reproduzem esquemas construcionais de modo produtivo. Assim, esses esquemas que explicitam padrões morfossemânticos da experiência linguística: a criação de palavras por analogia, as questões gramaticais e a polissemia que os formantes desencadeiam no surgimento de grupos de palavras.

Referências

ALVES, I. M. **Um estudo sobre a neologia lexical:** os microssistemas prefixais do português contemporâneo. Tese (Livre-Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALVES, I. M. Elementos de composição de origem grega na construção de neônimos e neologismos do português brasileiro contemporâneo. **Estudios Románicos**, v. 31, 2022. DOI <https://doi.org/10.6018/ER.510541>

BAUER, L. **English word-formation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165846>

BOOIJ, G. **The grammar of words:** an introduction to linguistic morphology. Oxford: Oxford University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199226245.001.0001>

CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida; Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. Bases para una teoría de los neologismos léxicos: primeras reflexiones. In: ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (org.) **Neología das línguas românicas**. São Paulo: Humanitas, 2015.

CABRÉ, M. T. Per què és relativament fàcil de detectar neologismes i tan complicat de definir què són: breu apunt epistemològic. In: OBSERVATORI DE NEOLOGIA (ed.). **Mots d'avui, mots de demà**. Barcelona: Institut de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2016.

GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942014000100007>

HAYASHI, H. A construction morphology approach to neoclassical compounds and the function of the linking vowel. **Languages**, v. 9, n. 4, p. 129, 2024. DOI <https://doi.org/10.3390/languages9040129>

HÜNING, M. Foreign word-formation in construction morphology: verbs in -ieren in German. In: BOOIJ, G. **The construction of words**: advances in construction morphology. Leiden: Springer, 2018. DOI https://doi.org/10.1007/978-3-319-74394-3_13

JESUS, A. M. R. Princípios metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 243-261, abr. 2021. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2961>

MARCHAND, H. **The categories and types of present-day English word-formation**: a synchronic-diachronic approach. 2. ed. München: Verlag C. H. Beck, 1969.

MEJRI, S. Néologie et unité lexicale: renouvellement théorique, polylexicalité et emploi. **Langages**, v. 45, n. 183, p. 25-37, 2011. DOI <https://doi.org/10.3917/lang.183.0025>

NÓBREGA, V. A. A morfossintaxe da composição neoclássica. **Estudos linguísticos**: textos selecionados, Abralin, p. 274-289, 2013.

NÓBREGA, V. A.; BASSANI, I. S.; ARMELIN, P. R. G. Flexão, derivação e composição em morfologia distribuída. In: SCHER, A. P.; BASSANI, I. S.; ARMELIN, P. R. G. **Manual de morfologia distribuída**. São Paulo: Abralin, 2023.

PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. **Patras Working Papers in Linguistics**, v. 1, 2009.

PRUVOST, J.; SABLAYROLLES, J. F. **Les Néologismes**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France/ Humensis, 2019. DOI <https://doi.org/10.3917/puf.pruvo.2019.01>

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.

REY, A. Néologisme: un pseudo-concept? **Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie**, v. 28, p. 3-17, 1976.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. DOI <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0641-5>

SIMÕES NETO, N. Compostos do português em uma abordagem construcional: perspectivas de análise e desafios teóricos. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). **Morfologia construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: Edufba, 2022. p. 193-236.

SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. Morfologia construcional: outra introdução. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). **Morfologia construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: Edufba, 2022. p. 11-32.